



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA COMO MEIO DE EMPODERAMENTO, AUTONOMIA E EMANCIPAÇÃO

Sigrid Rochele Gusmão Paranhos Magalhães
Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Brasil
Endereço eletrônico: sigrid.rochele@gmail.com

INTRODUÇÃO

Cada vez mais é comum verificar que muitos jovens têm outros conhecimentos e interesses que não coadunam com os conteúdos trabalhados nas escolas. Daí, muito deles serem considerados como “péssimos” alunos e/ou indisciplinados, levando-os, provavelmente, em um futuro bem próximo, à margem da sociedade e, conseqüentemente, ao sentimento de não existência, da não cidadania, da não humanidade e de toda sorte da injustiça social (SOUSA SANTOS, 2005). Logo, é imperativo, que nós, educadores, busquemos uma prática pedagógica que desnaturaliza a matriz colonial do poder e do saber, conforme advoga Mignolo (2006), pois vivemos numa sociedade na qual as desigualdades são alarmantes, a educação quase sempre beira o sofrível, e, nem todos têm acesso ao ensino de qualidade, muito menos da língua inglesa. Nesse sentido, Moita Lopes (2008) enfatiza que deve haver uma preocupação constante em se pensar o ensino de inglês em termos da realidade brasileira, uma vez que é imprescindível de amplos estudos sobre como se processa o ensino e a aprendizagem de línguas estrangeiras nas realidades locais que estão cada vez mais complexas.

Visto por este ângulo, pontuo as seguintes inquietações para esta pesquisa que está sendo realizada numa escola de periferia, na cidade de Caetité/Bahia, marcada por estereótipos e por exclusão social: Como o ensino de Língua Inglesa pode ser emancipador e significativo para alunos excluídos socialmente? Como os professores de língua inglesa dessa escola compreendem as concepções de língua/cultura? Quais as práticas pedagógicas comumente utilizadas pelos professores de língua inglesa em sala de aula? Os conteúdos programáticos são significativos e relevantes para o desenvolvimento crítico e ético dos estudantes? Qual a visão dos aprendizes quanto à língua inglesa? O que leva os educandos à resistência e a falta de participação nas aulas de inglês?

DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

É sob esse direcionamento que este estudo tem como objetivo investigar como se processa o ensino e aprendizagem da LI e, ainda, buscar novas alternativas, a fim de que a aprendizagem possa ser significativa e emancipadora para tais alunos que vivem rotineiramente em situação de risco, de violência e, muitas vezes, de exploração sexual. Ademais, levando em consideração a realidade em que se encontram as escolas no Brasil, e, particularmente, em Caetité/Bahia, torna-se primordial o investimento na formação continuada de professores de língua inglesa com vistas “a promover a integração e o respeito à diversidade dos povos, à diferença” (MENDES, 2007, p. 119).

Tal propósito leva em conta que a aprendizagem da língua inglesa é parcial e acidentada e, por isso, não leva o educando a refletir mais sobre um mundo plural e a construir o seu próprio conhecimento, fragmentando, portanto, o domínio da língua estrangeira, que conforme propõe Rajagopalan (2005) deve visar a objetivos comunicacionais e emancipatórios. Nessa perspectiva, pretendo, também, pôr em prática as concepções que se deva ter da língua estrangeira, principalmente, sob a perspectiva freiriana, de uma educação como prática social libertadora, pois advogo que o professor levando para a sala de aula a abordagem intercultural, de forma crítica e contextualizada, poderá, dessa maneira, preparar os alunos para serem cidadãos críticos, solidários e democráticos dessa nossa sociedade tão fragilizada e desprovida de certos princípios formativos como a ética, o respeito, a tolerância. É bom destacar que grande parcela desses estudantes estão a margem de um ensino de qualidade, motivador e emancipador.

Por fim, esta pesquisa se torna necessária porque, a partir das análises, reflexões compartilhadas entre pesquisadora e professores, bem como na co-produção de conhecimentos, espera-se viabilizar novos caminhos para uma aprendizagem da língua inglesa, de forma que todos os envolvidos possam redimensionar o seu papel profissional tendo uma postura mais crítica e politizada, podendo se tornar um agente de mudança, inserindo o aprendiz como cidadão do mundo frente à diversidade e à multiplicidade de culturas que a língua inglesa pode propiciar, tendo em vista a nossa sociedade marcada por desigualdades sociais.

DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

METODOLOGIA

Este trabalho está sendo desenvolvido numa abordagem de base qualitativa (GIL, 2002), do tipo etnográfico (BORTONI-RICARDO, 2008). É válido esclarecer que essa metodologia foi motivada pelo meu desejo de investigar uma escola municipal localizada na periferia na cidade de Caetité/Bahia, historicamente conhecida pelos altos índices de violência, drogadição e indisciplina, a fim de compreender como se processa o ensino e a aprendizagem de LI, em um contexto permeado de estereótipos, de exclusão e de vulnerabilidade social. Ainda, pretendo investigar se a aprendizagem da LI pode ser significativa e emancipadora para esses alunos que vivem rotineiramente em situação de risco e de infortúnio. Para tanto, a geração dos dados deverá ser através de questionários, entrevistas e registros etnográficos.

Desse modo, ao final desse estudo, almejo também provocar reflexões e, conseqüentemente, apontar algumas possibilidades pedagógicas para o ensino de LI que possam ser subversivas e transgressoras às práticas cristalizadas com enfoque, especificamente, no ensino gramatical, desvinculado invariavelmente dos contextos dos educandos. Portanto, após os dados coletados, pretendo construir, com professores e alunos, novas epistemologias, em prol de uma formação emancipatória e de ascensão cultural aos jovens que vivem muito aquém de uma sociedade justa e igualitária.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Esta pesquisa está em seu processo inicial, no entanto, espero que, ao término deste estudo, eu possa compreender melhor o intrincado processo de se ensinar uma língua estrangeira, em uma pequena cidade do interior da Bahia, pois verifico a necessidade de uma postura mais crítica e politizada dos docentes. Além disso, espero também poder, de alguma forma, contribuir para uma reflexão sobre uma possível (re)significação da nossa prática docente e, conseqüentemente, das nossas concepções da língua inglesa.

Sendo assim, vale relatar que nas minhas primeiras observações das aulas de LI, pude comprovar que muitos dos alunos se sentem desmotivados, irrequietos com o mesmo tipo de aula, ou seja, a exploração sistemática de aspectos gramaticais, exercícios orais, repetição de palavras, exercícios escritos, não tendo a língua inglesa um significado

DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

maior, somente uma disciplina “chata” a mais. Alguns apresentam resistência na participação de determinadas atividades.

Logo, é fundamental que os docentes tentem perceber as dificuldades que os educandos sentem, oriundas de diversas ordens, nas quais os impedem de ter uma aprendizagem satisfatória da língua inglesa. Além disso, é preciso repensar as práticas pedagógicas utilizadas invariavelmente em sala de aula, a fim de buscar novas alternativas, e, por conseguinte, uma maior interação dos aprendizes com essa língua. Agindo dessa maneira, provavelmente, muitos professores evitarão a passividade, a desmotivação e o desinteresse dos alunos nas aulas de LE.

Diante disso, não custa salientar que devemos buscar incessantemente o direito dos nossos alunos em aprender o inglês na escola, desmitificando as inverdades em torno da aquisição do idioma, e, conseqüentemente, evitar a sua exclusão, particularmente porque os PCN (1998, p. 10) colaboram ao afirmar que a aprendizagem de uma LE é um direito de todo cidadão. Talvez seja esse entendimento uma das mais importantes premissas a serem colocadas à prova junto a nossa população.

CONCLUSÕES

No mundo contemporâneo, a língua inglesa representa o capital cultural, pois consolida as desigualdades de aprendizagem de cada aluno, tendo em vista os aprendizes procedentes de classes sociais mais favorecidas, que já chegam à escola com um certo domínio desse idioma, enquanto que para outros alunos essa língua significa algo estranho, sem sentido, muito distante de seu contexto social. Além disso, pode-se observar com certa facilidade de que a língua e as culturas de língua inglesas oriundas dos países ditos hegemônicos são apresentadas como superiores, fazendo, muitas vezes, com que os alunos se sintam inferiores em relação a sua própria língua e a sua cultura, ao invés de sentir valorizado e com autoridade para preservá-las e defendê-las.

Por isso, muitas das atitudes dos alunos, consideradas como rebeldes ou mesmo como falta de interesse, representam, de certa forma, a insatisfação frente à mesmice das nossas escolas. Assim posto, conclui-se que um ensino de línguas deva ser essencialmente pautado numa pedagogia mais crítica, reflexiva, dialógica, intercultural, a fim de que haja

DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

a possibilidade de se ter uma sociedade mais igualitária, respeitando os princípios da igualdade e da diferença, o reconhecimento do outro, como também, que sejam estudos abertos para o diálogo entre os diferentes grupos sociais.

PALAVRAS-CHAVES: Ensino de Língua Inglesa; Empoderamento; Autonomia; Emancipação; Interculturalidade.

REFERÊNCIAS

BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor pesquisador:** introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Estrangeira. Brasília: MEC, 1998.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MENDES, E. A perspectiva intercultural no ensino de línguas: uma relação “entre-culturas”. In: ALVAREZ, M. L. O.; SILVA, K. A. da (Org.). **Linguística aplicada: múltiplos olhares.** Campinas, SP: Pontes, 2007. p. 119-139.

MIGNOLO, W. D. El desprendimiento: pensamiento crítico y giro descolonial. In: WASH, C.; LINERA, G.; MIGNOLO, W. D. **Interculturalidad, descolonización del Estado y del conocimiento.** Buenos Aires: Ediciones del signo, 2006.

MOITA LOPES, L. P. da. (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar.** 2. ed. São Paulo: Parábola, 2008.

RAJAGOPALAN, K. A Geopolítica da língua inglesa e seus reflexos no Brasil. Por uma política prudente e prepositiva. In: YVES LACOSTE (Org.). **A Geopolítica do Inglês.** São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p 135-159.

SOUSA SANTOS, B. **Fórum Social Mundial:** manual de uso. São Paulo: Cortez, 2005.

DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO